



e-ISSN: 2447-8180

DOI: 10.19180/2447-8180.v4n12020p185-196

Submetido em: 13 mar. 2020

Aceito em: 7 maio 2020

Patrimônio, memória e identidade: práticas de ensino e extensão no IFNMG campus Araçuaí

Patrimonio, memoria e identidad: prácticas de enseñanza y extensión

Fabício Luiz Pereira

Mestre em História pela Universidade Federal de Ouro Preto. Professor de História no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense (IFF), *campus* Bom Jesus de Itabapoana, RJ – Brasil. E-mail: fabricio.l.pereira@iff.edu.br

Ernani Calazans Oliveira

Mestre em Artes pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor de Educação Básica Técnica e Tecnológica no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais (IFNMG), *campus* Araçuaí, MG – Brasil. E-mail: ernani.oliveira@ifnmg.edu.br

Resumo

O projeto *Educação Patrimonial: Memória e Identidade*, realizado no Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (IFNMG), *campus* Araçuaí, desenvolvido nos anos de 2017/2018, nasceu da necessidade de debater a preservação do patrimônio escolar com os estudantes. No entanto, na prática, a metodologia adotada criou um espaço para trocas de experiências para além dos bancos escolares. Através de objetos biográficos, apresentamos a possibilidade de discutir conceitos como *patrimônio, história e memória*, partindo de vivências comuns e relações familiares. Como resultado, foram estabelecidas uma parceria entre a Instituição e a Secretaria de Desenvolvimento Social da cidade, uma oficina com os professores da rede pública local e ações sobre educação patrimonial com todas as turmas de ensino médio integrado do IFNMG, *campus* Araçuaí.

Palavras-chave: Patrimônio. Memória. Objetos biográficos.

Resumen

El proyecto “Educação Patrimonial: Memória e Identidade”, realizado en el Instituto Federal del Norte de Minas Gerais (IFNMG), *campus* Araçuaí, desarrollado en los años 2017/2018, nació de la necesidad de discutir la preservación del patrimonio escolar con los estudiantes. Sin embargo, en la práctica, la metodología adoptada creó un espacio para el intercambio de experiencias más allá de los bancos escolares. A través de objetos biográficos, presentamos la posibilidad de discutir conceptos como patrimonio, historia y memoria, a partir de experiencias comunes y relaciones familiares. Como resultado, se estableció una asociación entre la Institución y la Secretaría de Desarrollo Social de la ciudad, un taller escolar con maestros de la red pública local y acciones sobre educación patrimonial con todas las clases de secundaria en IFNMG, *campus* Araçuaí.

Palabras clave: Patrimonio. Memoria. Objetos biográficos.

1. Introdução ou “as lembranças que temos”

“O que lembro, tenho.” (ROSA, 2019, p.139). A memória de Riobaldo, personagem central do *Grande Sertão: Veredas*, é o grande trunfo da narrativa de Guimarães Rosa. As estórias do protagonista, contadas de maneira não linear e aparentemente desconexas, constroem um romance rodeado de conflitos, no qual o amor aparece como “o diabo na rua, no meio do redemoinho”, e o sertão mineiro se transforma no mundo. Nesse sentido, a memória é um eixo importante para compreender os caminhos e descaminhos de Riobaldo, Diadorim e do próprio sertão. Para manter essa toada, ela pode ser entendida como um dos elementos centrais que nos constitui como humanos.

Próximo ao sertão de Riobaldo, no nordeste do estado de Minas Gerais, localiza-se o município de Araçuaí. Para compreender a história da cidade, é preciso entrar no universo da memória, do mito fundador e imaginário popular. Segundo a tradição, no início do século XIX, o Padre Carlos Pereira de Moura fundou a Aldeia do Pontal no encontro dos rios Araçuaí e Jequitinhonha, atual Itira. Excessivamente autoritário e exigente, o clérigo havia determinado que ali não fosse permitida a presença de meretrizes e bebidas alcoólicas, o que fez com que tais mulheres, conduzidas por Luciana Teixeira, subissem o rio Araçuaí e fixassem moradia no Calhauzinho, um dos seus afluentes. Dessa forma, surgia a Vila do Calhau, por volta de 1830, liderada por uma expedição de mulheres e atraindo os canoeiros para o novo porto¹. Com o tempo, o local tornou-se o eixo econômico e político da região, chegando a ultrapassar o primitivo núcleo do município,

¹ A narrativa sobre a fundação da cidade inicia-se no século XIX, com o viajante Saint Hilaire. SAINT-HILAIRE, Auguste de. Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais. Trad. Vivaldi Moreira. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000. Ainda hoje, a história em torno do Padre Carlos Pereira de Moura e Luciana Teixeira é utilizada como marco importante para a fundação da cidade, ver: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/aracuai/historico>. Acesso: 23 abr. 2020.

a vila Itira. O desenvolvimento da pecuária, agricultura, artesanatos de cerâmica e couro permitiu o crescimento local. Os rios Araçuaí e Jequitinhonha, apesar de não serem navegáveis por grandes embarcações, propiciaram o contato e comércio com a região circundante.

A história de Araçuaí e região funde-se ao trajeto do Jequitinhonha. O clima predominante do semiárido cria ainda mais dependência da população local com os rios. A água, elemento fundamental para a espécie humana, faz parte da história local e contribui para as narrativas que se constroem. Paradoxalmente, a água que falta nos tempos de seca foi responsável por uma das maiores tragédias locais. Em 1979, as fortes chuvas no estado de Minas Gerais assolaram a população, fazendo com que tomassem a drástica medida de mudar o mercado de lugar. Tradicionalmente tido como o espaço de encontros e trocas comerciais, a subida do mercado, devido à enchente, alterou a estrutura urbana. Ainda hoje, é possível caminhar pelo lugar atingido: a saudosa Rua de Baixo, as paredes destruídas do mercado, vendas e casas ficaram ali, esquecidas pelo poder público. Área temida por parte da população, já que pobreza se alastra no local, enfim, um espaço de memória e esquecimento.

Conhecer a cultura dessa gente é respeitar o tempo, o espaço e os anseios do povo da região. As histórias estão no assoalho da madeira sujo de picumã e na fumaça de fogão à lenha; na roda de fiar jogada no paiol; na gamela onde eram amassados quilos e mais quilos de goma escaldada para fazer biscoito; nas chaves e cadeados das portas grandes e, na imagem do padroeiro que protege as casas simplórias, porém aconchegantes, que a família cuida com tanto zelo.

Por isso, a memória é fundamental para entender esse relato e está entrelaçada à metodologia e execução do projeto *Educação Patrimonial: Memória e Identidade*, realizado no Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (IFNMG), *campus* Araçuaí, no ano de 2017. O objeto de análise deste texto é relatar a experiência extensionista ocorrida no campus em questão em parceria com a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social/Departamento de Cultura. Além disso, propõe-se apresentar o método utilizado nas oficinas durante os anos de 2017 e 2018, na cidade de Araçuaí, Minas Gerais.

O projeto nasceu de uma demanda interna do *campus* Araçuaí. Prestes a sediar a Semana de Iniciação Científica (SIC) do IFNMG em 2018, os prédios receberam investimento de pintura e outras melhorias relacionadas à sua estrutura física. Uma das preocupações da Direção era com a manutenção do prédio após o evento, uma vez que parte do mobiliário e estrutura trazia desgastes ocasionados pelo mau uso do patrimônio escolar. Entre as formas encontradas para tratar do tema, pensamos em um projeto que apresentasse a escola como parte da vida dos alunos, como algo que faria eco em suas recordações e nas memórias de outros estudantes. Muito além de inserir noções básicas de direito de uso e de posse, o que pretendíamos alentar era um ambiente escolar como espaço de relações sociais, de amizade e afetos. Assim, começavam a se desenhar nossas oficinas e ações em torno do patrimônio.

2. Entre a vivência e a teoria: a oficina Patrimônio: Identidade e Memória

Em uma sociedade de consumo, na qual tudo é produzido e descartado de forma cada vez mais veloz, foram escolhidos objetos que levassem o estudante aos tempos idos.

Assim, a oficina começava ao som de Chico Buarque, com a canção *Dueto*. Essa escolha não foi aleatória, ao contrário, ela antevia os debates propostos. O conflito entre as gerações cantado por Chico e a neta ecoava enquanto os professores arrumavam a mesa com diversos objetos sobre a toalha xadrez no centro da sala. Aos poucos, os alunos entravam em contato com um bule, uma lamparina, uma roda de tear, um socador de alho, uma máquina de costura enferrujada, uma panela de barro, uma chave de ferro e duas cumbucas.

Os objetos eram apresentados na tentativa de aguçar a curiosidade da turma. Os professores contavam histórias e convidavam os estudantes a voltarem ao passado atrás da materialidade em cena. A lamparina nos levava até a casa dos avós na área rural - até 2010, muitos ainda não possuíam instalação elétrica nos distritos. A chave abria portas azuis dos casarões coloniais de Berilo e Minas Novas. O bule representava o cheiro do café passado na hora pelas várias mulheres do sertão mineiro, que faziam merendas para receber as visitas. A roda de tear nos transportava a um mundo no qual as roupas se faziam com antecedência e sob medida, assim como a máquina de costura, tão enferrujada pelo tempo, mas útil para a economia doméstica. As cumbuquinhas, além de carregar água, eram usadas para amassar o fumo, tão importante para a economia regional, como na Comunidade das Tesouras (Araçuaí/MG). Essas estórias criavam um laço entre os estudantes e seu passado familiar. Eles eram convidados a participar dos relatos à medida que reconheciam os objetos e se familiarizavam com eles.

Figura 1. Lamparina usada no projeto, ao fundo o centro antigo de Araçuaí



Fonte: Fotografia feita por Fabrício Luiz Pereira (2017). Acervo dos autores.

Ao apresentar os objetos e criar narrativas, o intuito era construir a noção de “objeto biográfico”, o qual, segundo Ecléa Bosi, é insubstituível, uma vez que: “as coisas que envelhecem conosco nos dão a pacífica sensação de continuidade”. É aquele que “envelhece com o possuidor e

se incorpora a sua vida: o relógio da família, o álbum de fotografias [...]. Cada um deles representa uma experiência vivida, uma aventura afetiva do morador”. (BOSI, 2005, p. 5).

Do espaço da fantasia e suposições, no qual os objetos dialogavam com as experiências de vida dos alunos ao rememorem os tempos e histórias familiares, era feita a transição para o socador de alho. De maneira sutil, saíamos do campo das hipóteses e usos no passado e entrávamos na memória individual. O cheiro, o toque, o som aguçavam a curiosidade em torno do objeto. A partir disso, o casamento de Dona Maria Aparecida Calazans e Perciliano - pais do professor de artes da instituição -, em 1968, ganhava contorno. O socador de alho foi um presente de casamento, que estava na família Calazans há mais de 40 anos. Testemunha ocular, o objeto esteve presente quando nasceram os filhos e netos, os conflitos e abraços, as perdas e vitórias da família Calazans em torno da matriarca, Dona Maria. Ele ajuda a criar um relato de memória e identidade da família. Os objetos, que antes estavam descolados dos sujeitos, ganharam, assim, novas dimensões e mostraram a possibilidade do afeto das relações familiares.

Figura 2. Objetos usados nas oficinas, ao fundo o socador de alho de D. Maria Calazans



Fonte: Fotografia feita por Fabrício Luiz Pereira (2017). Acervo dos autores.

O socador de alho de Dona Maria Calazans, visto como um “objeto biográfico”, representava: “mais que uma sensação estética ou de utilidade, eles [os objetos] nos dão um assentimento à nossa posição no mundo, à nossa identidade; e os que estiveram sempre conosco falam à nossa alma em sua língua natal.” (BOSI, 2005, p. 4).

Nesse sentido, em um mundo fluido no qual o tempo do presente impera, a relação com o passado nos assegura um conforto frente às mudanças que não conseguimos mais antever ou projetar. François Hartog, em “Tempo e Patrimônio”, ao tratar o “presentismo” como um regime de historicidade, provoca o leitor pois compreende o patrimônio como uma ferramenta que nos liga

a um passado construído como lugar das certezas. Destarte, segundo o autor: “Nós gostaríamos de preparar, a partir de hoje, o museu de amanhã e reunir os arquivos de hoje como se fosse já ontem, tomados que estamos entre a amnésia e a vontade de nada esquecer”. (HARTOG, 2006, p. 271).

Ao abordar o conceito de memória, a noção apresentada era de uma memória enquanto algo socialmente vivo, ou nas palavras de Pierre Nora;

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. (NORA, 1993, p. 3).

Entendida como um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente, a memória contrapõe-se à história, justamente por esta ser uma representação do passado.

Através da materialidade dos objetos, as formas de uso, o fabrico, retornamos a um passado não tão distante, mas que ainda não estava condenado por um sistema econômico de extrema mobilidade. Nessa perspectiva, “as coisas que modelamos durante anos resistiram a nós com sua alteridade e tomaram algo do que fomos” (BOSI, 2005, p. 7). Objeto e pessoa compõem, por fim, uma identidade na qual significados são criados e ressignificados.

Após dar sentido ao primeiro objeto - e trazendo-o para a construção da identidade da família Calazans -, apresentávamos aos estudantes o conceito latino de patrimônio, *patrimonium*, ou seja, um legado, ou uma herança, invocada neste caso mais ao campo afetivo do que financeiro. Outro objeto então era colocado em destaque, uma panela de barro. Fabricada em Pasmado (Itinga/MG), destaca-se pelo modo de produção. Vendidos a preços populares na beira da estrada, o artesanato do Pasmado é um forte expoente da cultura do Vale do Jequitinhonha. Painéis, flores, vasos, bonecas e artefatos são produzidos por aproximadamente 100 artesãos, utilizando a argila como matéria-prima. Mais do que simples objeto, o *savoir-faire* dos artistas locais criam uma distinção dos produtos em relação ao restante do Vale do Jequitinhonha.

Dessa maneira, os objetos ganham relevo, e os conceitos começam a se impor. O patrimônio fragmenta-se em material (móvel e imóvel), imaterial (o saber fazer de festividades, artesanato, tradições culturais) e o meio ambiente, que por vezes figura no entorno de sítios arqueológicos importantes. Com destaque aos termos técnicos, os patrimônios que antes estavam na esfera familiar passam a ser percebidos como uma construção de uma memória coletiva.

Por fim, e não menos importante, a oficina concluía com a ideia de “Direito de uso” e “Direito de Posse” dos patrimônios públicos. Uma vez familiarizados com o conceito de memória, patrimônio e identidade, os estudantes eram convidados a pensar na importância da preservação dos *lugares de memória*² como protagonistas das suas ações. Os objetos, entendidos como parte da

² “Lugares de memória” é um termo cunhado por Pierre Nora para expressar a instrumentalização da História quanto às práticas dinâmicas da memória. Nesse sentido, “Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, [...] porque essas operações não são naturais.” (NORA, 1993, p. 7).

história e da memória afetiva, também deveriam ser vistos na coletividade. A escola aparecia agora como um importante espaço de sociabilização e rede de afeto de todos que ali se agrupavam. A pergunta feita aos estudantes era: é justo privar o outro de criar suas histórias e memórias neste espaço? Por que um indivíduo se sente no direito de sucatear este patrimônio? O patrimônio público confere ao indivíduo o poder de posse impedindo o uso de outrem? Com base, nos conceitos apresentados, a oficina encerrava-se com um debate em torno dessas e outras perguntas que eram levantadas.

2.1 Andar, sentir e viver: conhecendo o patrimônio local

Apresentados os conceitos, começávamos a explorar com os estudantes os patrimônios locais e os órgãos de proteção e salvaguarda. O objetivo nesse momento era construir uma educação patrimonial coletiva, segundo o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), “identificando a comunidade como produtora de saberes que reconhece suas referências culturais inseridas em contextos de significados associados à memória social do local”. (IPHAN, 2014, p. 20).

Para tal, após as oficinas realizadas em sala de aula, foi proposto aos estudantes conhecer o patrimônio local e trazer a experiência para sala de aula. O intuito dessa ação era envolver o corpo discente com o patrimônio de sua cidade e fortalecer a identidade entre objeto de análise e o sujeito investigador. A fim de facilitar o trabalho, diretrizes foram criadas para a pesquisa de campo, conforme o quadro abaixo:

Quadro 1. Diretrizes para a pesquisa: “Conhecendo o patrimônio da minha cidade”

Itens da pesquisa	Diretrizes para a pesquisa
Identificação	Nome do objeto pesquisado e localização;
Descrição do objeto	se for uma festa, como ela ocorre, quais são as tradições envolvidas. Se for um casarão, como é a estrutura física, paredes, portas (...).
Histórico	qual a história do objeto pesquisado? Como surgiu? Qual a importância para a sociedade?
Preservação	o objeto pesquisado possui algum órgão que o preserva? (Pesquisar na prefeitura da cidade).
Relatos de memória	um pequeno texto sobre o objeto pesquisado que seja narrado por alguma pessoa da sociedade em questão.
Imagens	as fotografias devem conter o crédito, ou seja, quem tirou a foto. Não podem ser fotografias que focam pessoas diretamente (poses). Em casos de festas, devem ser fotografias de um plano geral.

Fonte: Acervo dos autores.

Após a elaboração dos trabalhos, os grupos apresentavam à turma os objetos de análise. Curiosamente, em uma das reuniões escolares, fomos abordados por um grupo de pais relatando a participação na elaboração dos textos, inclusive registrando a presença nos locais de pesquisa e nas entrevistas.

2.2 Ações extensionistas: *aprender e retribuir*

Para ser inserido numa proposta extensionista, é importante de alguma forma contribuir com as necessidades locais. Dessa forma, o projeto “*Educação Patrimonial: Memória e Identidade*” firmou parceria com a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social/Departamento de Cultura para conhecer a realidade do patrimônio histórico da cidade, escutar as demandas a serem repassadas aos estudantes, principalmente em relação à preservação, e colocar o Instituto como espaço para o debate acerca do patrimônio.

Dessa maneira, duas ações extensionistas tiveram relevância nesse processo. A primeira foi receber na instituição o palestrante Breno Antunes, gestor do circuito cultural do Vale do Jequitinhonha, para uma palestra sobre “Patrimônio e Cultura”, realizada no dia 30/08/2017. A palestra foi centrada na possibilidade de atividades turísticas no Vale do Jequitinhonha e teve como público central os estudantes do IFNMG. Nesse evento, os estudantes tiveram contato com o trabalho acerca da gestão cultural e vislumbraram o sertão como espaço de histórias, memórias e patrimônios riquíssimos, com a possibilidade de investimento econômico na região através do turismo.

Figura 3. Palestra “Patrimônio e Cultura”



Fonte: Fotografia feita por Fabrício Luiz Pereira (2017). Acervo dos autores.

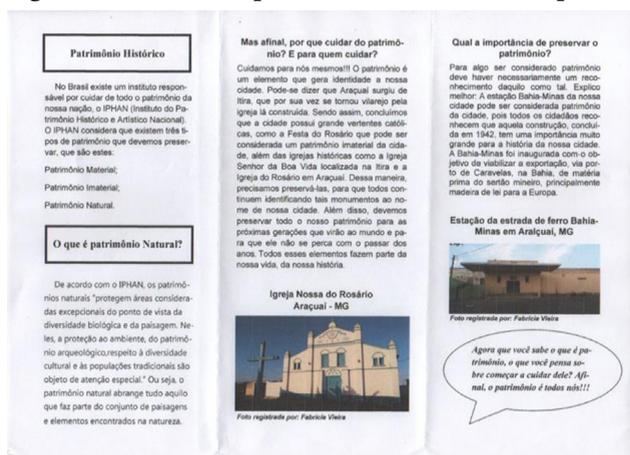
Outra ação foi uma oficina sobre educação patrimonial com os professores da rede pública da cidade de Araçuaí. A proposta, em conjunto com a Secretaria de Educação do município teve o objetivo de ofertar a oficina como atividade do Módulo II do Estado de Minas Gerais. As reuniões, conselhos e atividades extraclasse, com os professores da rede estadual de Minas Gerais são denominados Módulo II, conforme Ofício Circular GS nº 2663/16. Como requisito, os professores em conjunto com Especialistas da Educação devem realizar atividades que atendam aos Projetos Políticos Pedagógicos das escolas.

Em reunião com a Secretária da Educação, Viviane Patrícia Tito, definiu-se que o convite para a oficina seria destinado aos professores da área de humanidades do Ensino Fundamental II, ou seja, professores de artes, história, geografia e ensino religioso. Na ocasião, além da oficina com os objetos biográficos, assim como as realizadas com os alunos do IFNMG, foram apresentados aos professores materiais para serem utilizados em sala de aula, além de propostas de atividades pedagógicas, como concursos literários, de fotografia e trabalhos em torno da temática do patrimônio.

Dentre os materiais apresentados na oficina destaca-se o levantamento dos monumentos e festividades locais realizados pela bolsista do projeto Fabrícia Vieira Afonso, aluna do curso integrado e técnico em Agrimensura. Além do levantamento e organização do inventário patrimonial da microrregião do Médio Jequitinhonha, a bolsista elaborou o material utilizado nas oficinas, como os *slides* e os *folders* que foram distribuídos para os professores e para as escolas.

Nos *folders* elaborados pela bolsista Fabrícia Vieira Afonso, a aluna descreveu de maneira resumida o que é patrimônio material, imaterial e natural. Além disso, relatou a importância de preservação do patrimônio, ressaltando imagens do patrimônio material da própria cidade. A escolha, por parte dos orientadores, em divulgar o texto elaborado pela bolsista foi no intuito de valorizar a produção da aluna e tentar aproximar de uma linguagem mais próxima ao discentes do ensino médio. O texto foi originado das leituras e debates realizados com a mesma.

Figura 4. Folder sobre patrimônio local elaborado pela bolsista do projeto



Fonte: Folder elaborado por Fabrícia Vieira Afonso (2017). Acervo dos autores.

Após a apresentação da oficina foi realizada uma roda de conversa com os professores presentes e com o responsável pelo Departamento de Cultura e Patrimônio Histórico de Araçuaí, Rafael Gomes Ribeiro. O debate organizou-se em torno da temática patrimonial e estratégias de ensino. As trocas de experiência e a proposta do ensino através dos objetos biográficos foram contempladas com uma apresentação sobre os planos de preservação do patrimônio local.

Figura 5. Oficina realizada com os professores da rede pública de Araçuaí



Fonte: Foto postada no perfil do Facebook da Prefeitura em 25 maio 2018. Fotografia: Ludmilla Silva.

Nessa oficina, a proposta de elaborar formas mais afetivas e humanizadas da construção do conhecimento em torno dos objetos de memória foi realizada com os professores de humanidades do município na tentativa que estes repassassem esse conhecimento para suas turmas. Obteve-se um retorno positivo por parte dos mesmos naquele momento. Infelizmente, não foi possível acompanhar o desdobramento dessas atividades nas escolas do município, uma vez que o projeto foi encerrado em 2018.

3. Considerações finais

A elaboração da oficina foi feita com a proposta de possibilitar aos alunos um debate acerca do patrimônio, memória, identidade e história. Pensando em uma educação mais plural e humanizada, cada uma delas teve espaço para mudanças no roteiro e nos debates de acordo com as demandas das turmas.

Os objetos apresentados seguiam a lógica do objeto biográfico. Portanto, através da materialidade das coisas debatemos sobre produção, consumo, experiências de vida, memória, identidade, pertencimento e vários outros conceitos que apareciam ao longo do caminho. A contemplação da memória, através de “causos” proporcionaram que essa *travessia*, no sentido empregado por

Guimarães Rosa, em *Grande Sertão*, proporcionasse momentos de interação, reconhecimento dos saberes familiares e sobretudo apresentasse conceitos acerca do patrimônio que nos rodeia.

O projeto “*Educação Patrimonial: Memória e Identidade*” encerrou seu ciclo em 2018, no *campus* Araçuaí, mas a temática ganha novos contornos em outros espaços. Os professores envolvidos continuam a percorrer o caminho da educação patrimonial, compreendendo que os espaços de memória e educacionais são feitos de ciência, construção do saber e afetividade, sempre em busca de uma educação mais plural, ética e humanizada.

Referências

- BOSI, Ecléia. **Tempos vivos e tempos mortos**. Disponível em: <http://culturaeducacao.fde.sp.gov.br/administracao/Anexos/Documentos/420091014164722Tempos%20vivos%20e%20tempos%20mortos.pdf>. Acesso em: 4 fev. 2020.
- MINAS GERAIS. Secretaria Estadual de Educação. **Escola de formação do Estado de Minas Gerais**. Disponível em: <https://escoladeformacao.educacao.mg.gov.br/index.php/21-portal-especialista/em-foco/98-atividades-extraclasse-modulo-ii>. Acesso em: 23 abr. 2020
- HARTOG, François. Tempo e Patrimônio. **Varia Historia**, Belo Horizonte, v. 22, n. 36, p. 261-273, jul./dez. 2006.
- IBGE. **Cidades**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/aracuai/historico>. Acesso em: 23 abr. 2020.
- IPHAN. **Educação Patrimonial**: Histórico, conceitos e processos. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Educacao_Patrimonial.pdf. Acesso em: 4 fev. 2020.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**, São Paulo: PUC SP, Programa de Pós-Graduação em História, n. 10: História & Cultura, dez. 1993.
- ROSA, João Guimarães. **Grande sertão**: veredas. 22^a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais**. Trad. Vivaldi Moreira. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.

Agradecimentos

Esse relato de experiência nada mais é do que uma forma de agradecer a vivência e experiência com os alunos do *campus* Araçuaí. Cada oficina seguia seu próprio ritmo, uma vez que novas histórias iam sendo adicionadas. Agradecemos também a coordenação de extensão do *campus*, pelo apoio e concessão de uma bolsa do IFNMG. À bolsista Fabrícia Afonso Vieira, sempre atenta as demandas, registramos nosso carinho e muito obrigado. Por fim, essas histórias que ficaram na lembrança são fruto de uma enorme admiração pela história do Vale do Jequitinhonha, um “vale que vale viver”. (música Jequitivale, compositor Verono).